

A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL NO BRASIL: INTERFACES, AGENDA E DESAFIOS¹

José Luiz Meurer (UFSC) e Anna Elizabeth Balocco (UERJ)

Introdução

A Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), de orientação hallidayana, é reconhecida pela sua contribuição aos estudos da linguagem em função de dois traços. Em primeiro lugar, por sua aplicabilidade ao ensino, tendo em vista apresentar-se como uma abordagem de análise textual, o que favorece o seu uso na sala de aula. Em seguida, pelos marcos teóricos que introduz nos estudos da linguagem, a) ao advogar uma concepção da natureza da linguagem como interação; b) ao voltar sua atenção para a dimensão paradigmática da linguagem; e c) ao considerar a linguagem como uma semiótica social, com ênfase na produção de sentidos localizada na cultura e na história.

A LSF difundiu-se no Brasil a partir do final da década de oitenta e tem sido reconhecida como um quadro teórico produtivo na descrição e interpretação da linguagem em função de seu duplo estatuto, como teoria de descrição gramatical e modelo de análise textual (GOUVEIA, 2009). Recentemente, observa-se que, além da sua área de origem (a descrição linguística), a LSF tem sido aplicada em diferentes áreas: na análise do discurso; no ensino de língua estrangeira; no ensino de língua materna; na educação a distância; na tradução; na linguística ou gramática de corpus; nos estudos de semióticas visuais.

Considerando-se as diferentes interlocuções da LSF com diversas áreas dos estudos da linguagem e a sua produtividade nos estudos linguístico-discursivos contemporâneos, o presente artigo propõe-se a apresentar um levantamento de estudos, no Brasil, que tomam a LSF como base e a apresentar um balanço da teoria, sua agenda e desafios.

Este artigo está organizado da seguinte forma. Na primeira parte do trabalho, descrevem-se as particularidades do trajeto histórico da LSF no Brasil, inicialmente ligada a cursos de graduação voltados para a formação de professores de inglês como língua estrangeira e, em seguida, alcançando os programas de pós-graduação em várias instituições, à medida que a pós-graduação se consolida no Brasil. Tendo alcançado os programas de pós-graduação, a LSF passa a ser aplicada à língua portuguesa. Na segunda parte, procede-se ao exame da interface entre a LSF e as seguintes áreas de estudo: a Análise Crítica do Discurso; a Linguística de Corpus; e a teoria da multimodalidade. O levantamento das interfaces entre a LSF e outras áreas de estudos da linguagem se dará mediante o exame de conceitos teóricos e metodológicos centrais aos quadros teóricos. Na parte final do artigo, apresenta-se um balanço crítico da teoria, a partir da análise da pauta atual de pesquisa da LSF e de seus desdobramentos, particularmente no que diz respeito à ampliação do conceito de contexto, para incluir o de “intercontexto”, segundo proposta de Meurer (2004).

1. Breve histórico da LSF no Brasil

As primeiras notícias sobre a LSF no Brasil estão ligadas à formação de professores de inglês como língua estrangeira na UFSC, através da atuação das Profas. Rosa Konder e Carmen Rosa Caldas-Coulthard; da implantação do curso de Doutorado naquela instituição em 1987 (Programa de Pós-graduação em Inglês), com vínculos institucionais com a Universidade de Birmingham, na Inglaterra; e da criação do Núcleo de Pesquisa NUPDiscurso em 1997 pelo Prof. José Luís Meurer (HEBERLE, 2009).

Por outro lado, segundo a Profa. Leila Bárbara (BARBARA, 2009), observa-se, também no final dos anos 80, a difusão dos trabalhos de Halliday na PUC/SP, com a implantação do ensino de língua inglesa instrumental e linguagem do trabalho naquela instituição. Estes estudos são desenvolvidos no âmbito do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), criado em 1970 como o primeiro programa de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística Aplicada no Brasil.

Tendo alguns de seus docentes obtido sua titulação no LAEL, a PUC/RJ vê a difusão da LSF em sua instituição a partir do trabalho das Profas. Lúcia Pacheco de Oliveira e Barbara Hemais, docentes na área de língua inglesa no curso de graduação e atuando também como professoras do Programa de Pós-graduação

¹ A publicação deste texto foi autorizada pela colega Profa. Dra. Viviane Heberle, em vista da morte prematura que afastou, do nosso convívio, o Prof. Dr. José Luiz Meurer, seu marido, uma figura tão querida e respeitada no mundo acadêmico. É desnecessário dizer que assumo toda e qualquer responsabilidade por eventuais incorreções no texto aqui apresentado.

em Letras da PUC/RJ. A Profa. Lúcia Pacheco de Oliveira defendeu sua tese de doutorado no LAEL (1993-1997), combinando a LSF e a linguística de corpus. A partir de 1998, começou a introduzir a LSF na pós-graduação da PUC/RJ e em 2001 passou a orientar Dissertações e Teses nessa linha. Com várias dissertações e teses de doutorado defendidas (e em andamento) sob sua supervisão, a Profa. Lúcia Pacheco é líder de um Grupo de Pesquisa no CNPq, intitulado “Linguística sistêmico-funcional, linguística de corpus e análise do discurso” e é também Coordenadora de projeto submetido e aprovado pela FAPERJ cuja base teórica é a LSF.

Também ligada ao ensino de inglês como língua estrangeira, mas já no início da década de 90, observa-se a introdução da LSF na Universidade Federal de Santa Maria a partir de suas relações institucionais com o Programa de Pós-graduação em Inglês da UFSC, através da Profa. Carmen Rosa Caldas-Coutlhard e do Prof. José Luís Meurer (MOTTA-ROTH, 2009).

A LSF também é introduzida na UERJ, no final da década de 90, a partir da atuação das Profas. Anna Elizabeth Balocco, Gisele de Carvalho e Tania Shepherd, docentes no Programa de Pós-graduação em Letras daquela instituição, atuando na área de concentração do Mestrado em Linguística. Professoras de língua inglesa na graduação, e tendo iniciado sua atuação no Programa de Pós-graduação do Instituto de Letras no final da década de 90 e início de 2000, as professoras têm oferecido regularmente cursos sobre LSF e Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) aos alunos de Mestrado em Linguística e aos alunos inscritos nos cursos de Mestrado e Doutorado em Língua Portuguesa. De sua atuação no Mestrado, várias Dissertações foram produzidas com o respaldo teórico da LSF, nas suas articulações com a ACD, com os Estudos da Multimodalidade e com a Linguística de corpus.

Desta breve exposição da difusão da LSF no Brasil, observa-se que a mesma esteve ligada, no início de sua introdução no Brasil, a docentes atuando na área do ensino de inglês como língua estrangeira, mas que, com a consolidação dos cursos de pós-graduação no Brasil e a atuação daqueles professores em áreas além de sua primeira especialização, a LSF tem ultrapassado as fronteiras da Linguística Aplicada e alcançado a área dos estudos descritivos da língua portuguesa. A produção de pesquisas nesta área é relevante, como demonstra a exemplificação de trabalhos nas seções a seguir.

Há notícias também da introdução da LSF na UFPA e na UFSM, em ambos os casos também na pesquisa aplicada à língua portuguesa (MACÊDO, 2009; BARROS, 2009).

Nas próximas seções, apresentam-se diferentes áreas de interface da LSF, adotando-se como eixo norteador no desenvolvimento das seções o exame de conceitos teóricos e metodológicos centrais aos quadros teóricos articulados.

2. As interfaces entre a LSF e a Análise Crítica do Discurso

Segundo Chouliaraki & Fairclough (1999, p. 139), a teoria linguística que tem maior potencial analítico para a ACD é a LSF, tendo esta última funcionado como ponto de apoio para estudos na área da Linguística Crítica, da década de setenta (representada por estudos de Kress & Hodge, 1979; ou Fowler *et alii*, 1979).

Do ponto de vista histórico, a ACD é tributária da Linguística Crítica, que nasceu do encontro de teorias linguísticas voltadas para a dimensão social da linguagem com teorias sociológicas voltadas para questões de *representação* e de *ideologia*. A perspectiva crítica em relação à linguagem e ao discurso pressupõe desvendarem-se as relações entre as representações que construímos, do mundo em que vivemos, de quem somos e de como funcionamos em nosso grupo social, e os sistemas de poder que autorizam determinadas representações e suprimem outras.

Do ponto de vista teórico, a visão da linguagem como um sistema semiótico organizado em diferentes estratos na LSF provê o ponto de apoio necessário à ACD para o exame das relações entre práticas sociais e discursivas, o objetivo mais caro deste último quadro teórico. É isto que Chouliaraki & Fairclough (1999, p. 139 ff) buscam demonstrar, como é apresentado nos parágrafos a seguir. Na LSF, abandona-se a visão convencional da linguagem como organizada nos planos fonológico, morfológico, gramatical e lexical e adota-se uma organização em dois níveis ou estratos: o semântico (plano do significado) e o fonológico/grafológico (plano da expressão).

Tanto o estrato semântico quanto o plano da expressão, explicam os autores, têm uma interface direta com uma dimensão extra-linguística: as escolhas semânticas de um sujeito numa determinada situação social, por exemplo, são motivadas tanto por aspectos do contexto situacional imediato, quanto por outros presentes no contexto de cultura. Quanto ao plano da expressão, continuam os autores, o mesmo também

tem uma interface com o social, como por exemplo quando observamos “[certos] processos corporais que afetam o mecanismo vocal” (p. 139).

A linguagem relaciona o plano do significado com o plano da expressão através da lexicogramática, o único plano organizacional que, em princípio, não teria uma interface direta com o extra-linguístico, numa visão convencional. Na LSF, no entanto, compreende-se que, do ponto de vista diacrônico, a lexicogramática emerge do discurso, ou seja, é “historicamente constituída por processos de semogênese (processos de produção e mudança históricas do sistema semiótico), que tornam o sistema linguístico permeável à estruturação social” (p. 140). Por outro lado ainda, a visão proposta pela LSF é a de que a lexicogramática é permeável ao social também do ponto de vista sincrônico: isto leva ao postulado de que as três funções básicas da linguagem (a representação da experiência no mundo; a negociação de relações e papéis sociais; a construção textual da prática semiótica) estão inscritas no sistema linguístico, organizando de forma diferenciada a gramática de uma língua natural.

A visão de que os três estratos da linguagem são permeáveis ao social situa a LSF no paradigma de teorias sociais estrutural-constitutivistas, que vêem a linguagem como, a um só tempo, constituída e constitutiva do fenômeno social (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 141). Diferentemente de teorias constitutivistas radicais, que se caracterizam por reduzir a realidade ao discurso, as teorias sociais estrutural-constitutivistas (como o realismo crítico, que informa a ACD) rejeitam a tese da contingência radical do social. Em primeiro lugar, uma vez constituídas no discurso, as estruturas sociais funcionam como limites à produtividade ilimitada da prática semiótica. É neste sentido que se argumenta, na ACD, que é preciso não perder de vista a relação dialética entre práticas sociais e discursivas, entendendo as primeiras como sendo constituídas de elementos sócioestruturais que limitam “o jogo infinito da significação”, nos termos de Derrida (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 125).

Apoiando-se na LSF, os analistas críticos do discurso argumentam que a natureza aberta do processo semiótico (o “semológico”, para Hasan, citado em CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 125) é limitada pelo efeito de outras dimensões do social, além da linguagem. É para o entendimento deste fenômeno que a ACD recorre ao conceito de “sobredeterminação” de Althusser (1979) e ao conceito de “ordem do discurso”, entendido em Fairclough (2003, p. 24) como uma dimensão intermediária entre a língua (uma estrutura social abstrata) e o evento discursivo (uma prática social concreta materializada num texto, por exemplo).

Para Althusser, as várias dimensões do social (a econômica, a política, a cultural, a semiológica ou linguística, a psicológica) têm estruturas distintas e cada uma delas tem impacto sobre a outra, mas não há uma relação de “determinação” entre elas, como figura no pensamento marxista ortodoxo. O conceito de “sobredeterminação” aponta para o fato de que, na verdade, as diferentes dimensões do social operam simultaneamente.

Nos termos de Fairclough (2003, p. 24), há diferentes graus de sobredeterminação quando nos movimentamos do plano das estruturas sociais abstratas aos eventos concretos. A língua (vista como uma estrutura abstrata) é afetada pelo social, como advogam as teorias linguísticas funcionalistas que vêem a emergência da sintaxe no discurso. Na ordem do discurso (uma estrutura social intermediária entre a língua e o evento discursivo), observa-se grau maior de sobredeterminação por outros elementos sociais; prova disso é que as categorias aqui (gênero, registro, estilo, discurso como representação) não são puramente linguísticas, mas categorias que estão além das fronteiras entre o linguístico e o não-linguístico, entre o discursivo e o não-discursivo. Finalmente, o texto tem um grau ainda maior de sobredeterminação, se entendido como um evento discursivo concreto influenciado pelas características específicas de determinado contexto de situação² e por suas condições de produção, incluindo-se aqui os recursos semióticos do produtor textual, que funcionam como ferramentas mediadoras entre as relativas permanências do social e a sua atualização num evento concreto.

A ACD mobiliza o aparato teórico da LSF a serviço de uma análise voltada para práticas de significação particulares através das quais fixam-se ou alteram-se as permanências relativas das estruturas sociais e discursivas. Assumindo a natureza híbrida do fenômeno discursivo na modernidade tardia como um pressuposto teórico (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 13), a ACD toma como um dos pontos centrais de sua agenda o exame da tensão entre necessidade e contingência, ou da relação dialética entre estruturas discursivas e sociais (práticas sociais, gêneros, representações) parcialmente estabilizadas na ordem do discurso, de um lado, e, na outra ponta, práticas articulatórias, ou práticas de significação de sujeitos localizados em contextos sociohistóricos bem definidos.

² O contexto situacional imediato, extra-linguístico, de um texto.

Do ponto de vista metodológico, a LSF e a ACD compartilham a visão do texto como unidade de análise. Sendo a LSF tanto uma teoria de descrição gramatical, quanto um modelo de análise textual (GOUVEIA, 2009), a mesma possibilita à ACD tanto o exame detalhado de recursos relativos à organização discursivo-textual de textos específicos, para dar apenas um exemplo, quanto dos seus recursos microlinguísticos no âmbito da oração (como a transitividade, a modalidade, dentre vários outros).

O texto, na LSF, é visto tanto como manifestação concreta do sistema linguístico, quanto como lugar de produção de sentidos. Esta dupla perspectiva permite à ACD proceder à análise de textos como *práticas articulatórias*, ou como eventos discursivos em que se repetem ou se reconfiguram tanto o potencial semântico da língua quanto os seus sub-potenciais semânticos, inscritos na ordem do discurso, com seus gêneros, registros, estilos e representações (FAIRCLOUGH, 2003, p. 24). O conceito de prática articulatória, assim, permite a análise do potencial de mudança na linguagem e da forma como este potencial se atualiza em diferentes domínios da vida social.

Ainda do ponto de vista metodológico, a visão proposta pela LSF da lexicogramática como permeável ao social permite à ACD relacionar categorias linguísticas a discursivas; mais especificamente, permite o exame da forma como a escolha de determinados aspectos da lexicogramática, num texto, funcionam a serviço da construção de perspectivas discursivas, ou da construção de identidades discursivas, para dar apenas dois exemplos.

Para finalizar, o reconhecido foco paradigmático da LSF permite à ACD a teorização sobre o repertório de sentidos de uma cultura, numa determinada época, e sua relação com os sentidos produzidos por um indivíduo em particular, num determinado contexto de uso.

A produção de pesquisas na interface LSF e ACD desenvolve-se em várias instituições, como apontado na Seção 1. As descritas abaixo servem apenas como um panorama da natureza dos estudos desenvolvidos nas instituições com as quais estes pesquisadores mantêm contato. Não se pretende, neste artigo, mapear a produção teórica em território nacional, esgotando o assunto.

Na UFSC, há pesquisas sobre o discurso docente em ambiente digital (SANTIAGO & MEURER, 2008); sobre a formação de professores (HEBERLE & MEURER, 2006); e ainda pesquisa voltada à análise visual de diferentes tipos de gêneros, a partir de uma perspectiva crítica (HEBERLE & MEURER, 2007).

Na UNISUL, a pesquisadora Débora Figueiredo ocupa-se da construção da identidade feminina no discurso midiático, observando como a leitora é retratada através da análise de anúncios, com base nas categorias de personalização sintética e identidade corporificada (FIGUEIREDO, 2008).

Na UERJ, há estudos sobre a construção da identidade no discurso acadêmico e no discurso jornalístico com base na Teoria da Valoração (BALOCCO, 2002; 2005; 2007; 2009); sobre resenhas acadêmicas e não-acadêmicas, também com base na Teoria da Valoração (CARVALHO, 2002).

Na UFMG, a Profa. Célia Magalhães, além de desenvolver estudos na área da Tradução a partir de uma perspectiva sistêmico-funcional, também atua na Análise Crítica do Discurso, sendo responsável pela supervisão de várias Dissertações de Mestrado e Doutorado com base neste quadro teórico. Com base no exame de suas publicações e de seus projetos de pesquisa declarados na Plataforma Lattes nos últimos 5 anos, observa-se que seu foco tem recaído sobre discurso e raça (na área da ACD); sobre estudos da tradução baseados em *corpus*; sobre as articulações entre tradução e multimodalidade; tradução e análise textual; tradução e globalização.

A pesquisa na área da interface entre a ACD e a LSF, em Brasília, está representada por Viviane C.V. Sebba Ramalho, mestre e doutora pela UnB e professora da Universidade Católica de Brasília. A linha de pesquisa informada em sua Plataforma Lattes é “discurso, representações sociais e textos” e suas publicações recentes concentram-se na área das representações da saúde da mulher em propagandas brasileiras de medicamentos.

Também em Brasília, a professora Viviane de Melo Resende, mestre e doutora pela UnB e professora da Universidade Católica de Brasília, desenvolve estudos na interface entre ACD e LSF, com foco na representação da infância na rua; na representação de mães em situação de rua; e na relação entre literatura de cordel e mídia (informações colhidas na Plataforma Lattes, sob a rubrica de linhas de pesquisa, projetos de pesquisa e publicações).

3. A LSF e os estudos de multimodalidade

Ao considerar a linguagem como uma semiótica social, a LSF abre espaço para o estudo das relações entre diferentes recursos semióticos, para além dos estudos da linguagem. A gramática visual de Kress e van Leeuwen (2006), por exemplo, tem como objetivo um estudo formal dos recursos semióticos usados em

textos multimodais. Para os autores, os textos multimodais são aqueles que utilizam diferentes recursos semióticos na produção de sentidos, por exemplo, recursos verbais, visuais, de movimento, de som, dentre vários outros.

A asserção principal dos autores é a de que, assim como os recursos semióticos verbais, os recursos visuais também são regidos por regras, afetadas pela cultura e pela história. A gramática visual de Kress e van Leeuwen compartilha com a LSF os seguintes pressupostos teóricos: 1) a visão dos sistemas semióticos como repertórios semânticos a partir dos quais podem ser feitas escolhas, motivadas pelas características de uma situação concreta de comunicação e do contexto de cultura; 2) a visão dos sistemas semióticos como suportes para a interação social; 3) a visão da funcionalidade dos sistemas semióticos, que se organizam em torno de três metafunções: a ideacional, a interpessoal e a textual.

No plano da metafunção ideacional (em que se dá a representação de aspectos do mundo através da experiência dos indivíduos), os recursos semióticos verbais usados são conhecidos, principalmente organizados no sistema da transitividade. Quanto à gramática visual, as relações de transitividade são realizadas através de configurações espaciais, vetores e olhares; ou ainda de processos narrativos ou conceituais. Um exemplo, retirado da Dissertação de Mestrado de Maria Luiza Rezende (2008) que se ocupa da representação da mulher de meia idade em anúncios em revistas femininas, pode ser encontrado numa propaganda em que se observam “vetores que formam linhas oblíquas entre os olhares das mulheres e do homem, sugerindo um papel submisso da mulher madura em relação a seu marido” (REZENDE, 2008, p. 132). Temos aí, portanto, uma configuração de recursos visuais que codifica determinada representação de mundo, atribuindo aos participantes discursivos do texto multimodal (da propaganda) papéis sociais semelhantes àqueles codificados no sistema da transitividade (“atores” e “metas”).

Passando à metafunção interpessoal, que dá destaque à função da linguagem como interação, a gramática visual de Kress & Van Leeuwen ocupa-se da forma como os sistemas semióticos visuais projetam relações entre o produtor da imagem, o observador e os objetos representados. Aspectos da gramática visual considerados particularmente relevantes são a presença ou ausência de contato visual com o retratado; a distância projetada pelo tipo de enquadramento usado na imagem; o exame de como o uso de forma, tons e cores servem à função de criar determinado tipo de interação com o observador da imagem. Um exemplo aqui é o de atores sociais no texto multimodal que dirigem seu olhar diretamente para o leitor, estabelecendo com este último uma relação de “demanda”, para usar o termo da LSF que descreve interações entre participantes discursivos através da linguagem verbal (do ponto de vista da lexicogramática, através do sistema de modo oracional).

No plano da metafunção textual (em que a linguagem é vista como recurso semiótico usado para construir um texto organizado e coerente), a gramática visual ocupa-se predominantemente do inventário de possibilidades na disposição dos elementos visuais de uma página (sua estrutura visual) e da forma como as escolhas dentro deste sistema produzem diferentes efeitos de sentidos.

Do ponto de vista metodológico, a gramática visual de Kress & van Leeuwen compartilha com a LSF: 1) a proposta de identificação dos recursos semióticos em diferentes tipos de textos ou gêneros; 2) a proposta de classificação destes recursos como padrões de representação, de interação ou de composição visual; e 3) a proposta de examinar estes recursos do ponto de vista funcional, ou seja, quais são os usos e as funções destes recursos e os seus efeitos de sentido em textos multimodais de natureza distinta.

Deste breve apanhado do quadro teórico de Kress & van Leeuwen, depreende-se que o foco até o presente momento tem sido na gramática visual em si e na descrição de seus recursos semióticos. Assim, os estudos com respaldo teórico destes autores têm consistido na aplicação de suas categorias analíticas a diferentes tipos de corpora. Falta, no entanto, expandir o foco dos estudos de multimodalidade numa perspectiva diacrônica, investigando como o sistema é modulado por um sujeito em práticas de significação particulares, em contextos sociohistóricos bem definidos.

A seguir, relacionamos algumas instituições em que se desenvolvem estudos sobre Multimodalidade. Na PUC/RJ, a Profa. Barbara Hemais tem desenvolvido estudos nesta área, aplicando as categorias de Kress & Van Leeuwen na área da Linguística Aplicada, mais especificamente ao ensino de inglês como língua estrangeira, material didático, sempre com respaldo de pressupostos teóricos da LSF. Um exemplo apenas de pesquisa da professora com estas características intitula-se “Genres in English language coursebooks: teaching words and images”, publicado em GONÇALVES (2009). Rezende (2004) é uma dissertação de Mestrado sob a orientação da Profa. Barbara Hemais, em que a autora aplica as categorias analíticas de Kress & Van Leeuwen a um corpus constituído de textos retirados de livros didáticos na área de biologia.

Na UERJ, há uma dissertação de Mestrado defendida em 2008 por Maria Luiza Rezende (vide referências), em que a pesquisadora aplica as categorias analíticas de Kress & Van Leeuwen a um corpus de anúncios publicados em revistas femininas nas décadas de 60 a 2000, com o objetivo de investigar a

construção discursiva da identidade da mulher de meia idade. Há ainda uma dissertação de Mestrado em andamento por Adriana Baptista de Souza na UERJ, que aplica as categorias a um corpus de textos retirados de livros didáticos para o ensino de inglês como língua estrangeira.

Na Universidade Federal da Paraíba, há uma tese de doutorado em andamento, por Paiva (veja Referências bibliográficas) que se ocupa da análise visual da construção identitária dos índios em revistas, com foco contrastivo em relação à auto-representação daqueles atores sociais e sua representação por outros atores sociais.

Carvalho (2007) é uma dissertação de Mestrado defendida na UFMG, que se ocupa da análise de textos midiáticos multimodais. A autora dá continuidade aos seus estudos sobre multimodalidade em Tese de Doutorado em andamento na Universidade de Lisboa, voltando-se para a análise visual contrastiva do *design* da imprensa escrita e eletrônica.

4. A LSF e a Linguística de corpus

Uma área de interface com a LSF que cresce em ritmo acelerado, tanto no Brasil quanto no exterior, é a Linguística de Corpus (doravante LC). O termo Linguística de Corpus é usado para referência a estudos da língua em uso com o auxílio de ferramentas computacionais (programas de computadores usados para identificar padrões e regularidades na linguagem). Para este fim, procede-se à compilação de textos reais, ou seja, textos que foram efetivamente usados num determinado contexto, com objetivos específicos.

Segundo Oliveira (2009), as confluências entre a LSF e a LC se dão tanto no plano teórico quanto no plano metodológico. O que permite a articulação entre a LSF e a LC no plano teórico é, em primeiro lugar, o fato de que em ambas há ênfase nos usos da linguagem, ou na relação dialética entre sistema e uso.

Para exemplificar o foco nos usos da linguagem, relata-se aqui pesquisa desenvolvida pela Profa. Tania Shepherd, na UERJ, baseada no corpus de estudos Br-ICLE (*Brazilian International Corpus of Learner English*), constituído por 127 composições argumentativas escritas por universitários brasileiros, aprendizes de inglês como língua estrangeira³. O corpus está localizado na PUC/SP e é considerado um corpus pequeno (de 65.302 palavras), segundo parâmetros estabelecidos por Berber Sardinha (2004). O objetivo da pesquisa é extrair dados sobre o uso da linguagem destes aprendizes, comparando-os a padrões recorrentes num corpus de referência constituído de usos da linguagem por falantes nativos de língua inglesa (LOCNESS - *Louvain Corpus of Native Speaker Essays*)⁴. Para atender aos objetivos da pesquisa, são analisados os padrões recorrentes no *corpus*, no que diz respeito ao uso de léxico em diferentes dimensões (cálculo de frequência de palavras; grupos lexicais, ou colocações, mais frequentes; fraseologia usada).

A partir de dados empíricos sobre usos da linguagem por parte de aprendizes de língua estrangeira, é possível uma intervenção pedagógica mais efetiva, com base nas evidências de áreas problemáticas encontradas no confronto entre os dois *corpora* (veja SHEPHERD, 2009).

Outro fator que favorece a aproximação entre a LSF e a LC é o fato de que, em ambas, a unidade de análise é o texto. Esta posição teórica leva à compilação de bases de dados para estudos empíricos dos usos da linguagem relativamente diferenciadas em relação àquelas geralmente associadas às pesquisas sociolinguísticas, ou variacionistas, por exemplo. Estas últimas, pelo menos no que diz respeito aos estudos descritivos da língua portuguesa, tinham como dados empíricos, na sua maior parte, *corpora* constituídos de dados extraídos da língua falada.

Os bancos de dados para estudos na área da LC caracterizam-se por estarem baseados numa visão ampliada do conceito de uso linguístico: em vista desta característica, estes bancos de dados abrigam não só

³ Cf. Shepherd (2009): “[o corpus] é formado de 127 composições escritas por universitários brasileiros, aprendizes de língua inglesa em nível avançado, cursando do quinto período em diante. Cada uma das composições coletadas está identificada em termos de sexo, idade, há quanto tempo o universitário estuda inglês, se foi feita sob condições de teste ou não, com tempo limitado ou não e se o sujeito da pesquisa usou ou não material de consulta. Nesse corpus são controlados também os tópicos de discussão: o aprendiz escolhe o seu tópico a partir de uma lista contendo 13 assuntos (...)”.

⁴ Cf. Shepherd (2009): “[o corpus] consiste de 324 194 palavras escritas por população semelhante à população do corpus de estudo [Br-ICLE]. Esse corpus de tamanho médio, segundo os mesmos critérios acima [= de Berber Sardinha] pode ser adquirido comercialmente. O corpus, que é necessariamente pelo menos três vezes maior do que o corpus de estudo, contém a seguinte distribuição: 60 221 palavras oriundas de textos argumentativos de vestibulandos ingleses, 95 447 palavras de textos argumentativos e comentários literários de universitários ingleses, 149 833 palavras de textos argumentativos de universitários americanos e 18 633 palavras de textos variados produzidos por universitários americanos.”

o registro empírico da modalidade falada, mas também fontes escritas, com controle de fatores discursivos, especialmente aqueles relativos ao gênero e aos tipos de discurso.

Oliveira (2009, p. 59) relata a constituição de um corpus com estas características na PUC/RJ,

composto por 27 gêneros discursivos, distribuídos em: 20 gêneros do discurso escrito, 5 gêneros do discurso oral, e 2 gêneros do discurso escrito para ser falado. O corpus totaliza 1.361 textos e 1.149.600 palavras, e contém até o momento, os seguintes gêneros: artigos científicos, cartas ao editor, cartas de reclamação, cartas de recomendação, cartas pessoais, cartas profissionais, cartas profissionais acadêmicas, circulares, contos, crônicas, dissertações, editoriais, e-mails acadêmicos, e-mails pessoais, notícias de jornal, redações de alunos ensino médio, redações de alunos universitários, redações de vestibular, romances, teses, conversas cariocas, conversas de crianças, entrevistas acadêmicas, grupos de enfoque, atendimento ao cliente, discursos políticos e roteiros cinematográficos.

Diferentemente de *corpora* especializados, ou seja, aqueles coletados para pesquisas com objetivos específicos e portanto constituídos de compilações de textos de gêneros ou discursos específicos, os *corpora* como o CORPOBRAS / PUC-RJ representam *corpora* gerais, que apresentam uma variedade de gêneros, tipos de textos, registros, assuntos e autores. Trata-se de um *corpus* médio-grande, segundo parâmetros de Berber Sardinha (2004).

Segundo Oliveira (2009), os dados de um *corpus* não são analisados isoladamente, mas articulados a dados relativos a outras dimensões linguísticas do texto, ou a seu co-texto, além de a suas características socioculturais. A autora cita McCarthy (1998, p. 1) para argumentar que, embora o pesquisador nesta área use dados quantitativos para desenvolver seus estudos, a análise do corpus deve ser feita a partir de uma abordagem qualitativa (que leve em conta o co-texto e aspectos socioculturais do texto), para que se possa efetivamente: 1) consolidar determinada perspectiva teórica sobre a língua; 2) propor novas perspectivas teóricas; ou 3) servir de apoio a intervenções pedagógicas.

Dois exemplos de pesquisas desenvolvidas na PUC/RJ, baseados no CORPOBRAS, em interface com a LSF são descritas a seguir. A primeira delas, “A redação de vestibular como gênero: configuração textual e processo social”, de Caldeira (2006), é uma dissertação de Mestrado orientada pela profa. Lúcia Pacheco de Oliveira. Nesta pesquisa, um corpus de aproximadamente 30.000 palavras, constituído de redações de vestibular de quatro instituições, compiladas entre 2004 e 2005, foi analisado quantitativamente com o objetivo de fazer um levantamento dos significados ideacionais, interpessoais e textuais criados nas redações com vistas à caracterização genéricas dos textos.

A segunda pesquisa é da própria autora e intitula-se “Grammatical metaphor in research articles: linguistic and disciplinary contrasts” (veja OLIVEIRA, 2006). Com base num corpus constituído de artigos de pesquisa em português e em inglês nas áreas da Linguística e da Nutrição, totalizando aproximadamente 24.000 palavras, procedeu-se ao exame das nominalizações nas amostras do corpus, com o objetivo de investigar a variação linguística em domínios disciplinares distintos e em línguas distintas. O ponto de apoio para o desenvolvimento da análise foi o conceito de metáfora gramatical na LSF, que possibilitou o rastreamento de evidências empíricas para a ocorrência de nominalizações, “consideradas como grupos nominais que podem funcionar como realizações metafóricas de configurações processuais, em lugar de orações, que seriam as formas mais congruentes” (HEYVAERT, 2003 IN: OLIVEIRA, 2009).

As pesquisas relatadas sugerem as possibilidades abertas pela articulação entre a LSF e a LC, tanto no que diz respeito a questões com origem na Linguística Aplicada (SHEPHERD, 2009; OLIVEIRA, 2006), quanto à descrição do português (CALDEIRA, 2006). Outro exemplo de articulação entre a LSF e a LC no âmbito da Linguística Aplicada pode ser encontrado em BALOCCO et alii (2005), um estudo em que as autoras compilam e analisam um corpus oral, com o objetivo de investigar as atitudes de professores de inglês com relação a um componente de curso de especialização recém-cursado pelos professores.

5. Tendências da pesquisa em LSF no contexto acadêmico nacional

A pauta da pesquisa em LSF no Brasil é muito abrangente e apresenta vários desafios. Um breve exame dos programas e dos cadernos de resumos de dois eventos científicos sobre a LSF no Brasil (33º Congresso Internacional da Associação Internacional de LSF, realizado na PUC/SP em 2007 e IV Congresso da Associação de LSF na América Latina (ALSFAL), realizado na UFSC, em outubro de 2008) é suficiente para apontar algumas tendências recentes das pesquisas em LSF no contexto acadêmico nacional.

A primeira delas diz respeito a uma questão central na LSF, que, como outras teorias funcionalistas da linguagem, ocupa-se do uso linguístico. A tendência que se observa atualmente é a da documentação do uso linguístico. Como estudos na área de LC sugerem, os usos da linguagem requerem registro empírico, conseguido através de ferramentas computacionais. Acompanha esta tendência de documentação do uso linguístico, observada na articulação entre a LSF e a LC, uma repercussão teórica que força a ampliação do conceito de uso, do ponto de vista empírico: o mesmo passa a abarcar não só a linguagem oral (uma tendência observada na fase inicial de compilação de *corpora*), mas também a linguagem escrita, em diferentes registros, incluindo-se aqui textos produzidos por aprendizes, para servir de base a estudos na interface com a Linguística Aplicada.

A segunda tendência, apontada pelo breve exame das articulações entre a LSF e outras áreas de estudos da linguagem, também se relaciona a um dos pressupostos centrais da LSF, que a distingue de outras correntes funcionalistas, nomeadamente o enunciado funcionalista da relação dialética entre *sistema* e *uso*. Embora o foco nas relações dialéticas entre *sistema* e *uso* esteja mantido na pesquisa atual, observa-se uma tendência a se aprofundar a teorização sobre a natureza contingente e situada do *uso* linguístico.

Após várias décadas de estudos voltados para fatores de ordem discursiva motivadores do uso linguístico, especialmente aqueles relacionados a *registros* e *gêneros*, na pesquisa praticada atualmente ganham relevo fatores relativos: 1) à natureza híbrida do contexto, “com crescente grau de intercontextualidade” (MEURER, 2004, p. 135); 2) ao perfil dos participantes discursivos, seu papel social, o grau de prestígio de que desfrutam na comunidade discursiva em que estão situados, suas formas características de auto-representação e de representação do outro (seu *estilo*). Esta tendência parece advir dos contatos da LSF com a ACD, por exemplo, em que a questão do sujeito nos estudos da linguagem é entendida como uma questão que tem repercussões sobre as noções de sistema e de uso linguísticos.

No que diz respeito ao uso, a concepção de que os participantes discursivos são diferencialmente posicionados (um dos pressupostos centrais das teorias críticas) implica na importância de se investigar a forma como os mesmos utilizam o sistema linguístico de forma diferenciada, com base em suas ferramentas cognitivas e histórias de vida. Nos termos de Kress (in: PEDRO, 1997, p. 64), “o utente linguístico individual (...) chega com uma história complexa de experiências particulares da linguagem como texto, uma história social particular e uma história linguística particular”.

Este aprofundamento da teorização sobre os usos da linguagem a partir da visão da localização social e diferencial dos participantes discursivos leva à visão da estruturação contingente e situada tanto do sistema linguístico quanto da ordem do discurso. Por outras palavras, se na LSF a natureza contingente do repertório semântico de uma língua (seu sistema semântico) tem sido sempre afirmada (na forma do enunciado funcionalista de que todos os estratos da linguagem são permeáveis ao social), aprofunda-se atualmente a reflexão sobre a natureza contingente e situada dos sub-sistemas semânticos (gêneros, discursos e estilos, no plano da ordem do discurso). Assim é que os gêneros, para dar apenas um exemplo, são investigados do ponto de vista, não mais de suas características estruturais ou formais exclusivamente, mas do seu valor em estruturas sociais mais amplas, levando-se em conta: 1) a questão do acesso, ou da forma como são diferencialmente controlados; ou ainda 2) a questão da natureza híbrida do contexto onde são produzidos (veja a noção de *intercontexto* em MEURER, 2004).

Para finalizar, a terceira tendência diz respeito às práticas de pesquisa atuais que buscam compreender não só os sistemas de representação linguísticos, mas os sistemas de representação visuais (e outros), a partir dos pressupostos teóricos da LSF.

Conclusão

Das suas articulações com a ACD, sobressaem os seguintes pontos a serem enfrentados pela pesquisa em LSF. O conceito de *contingência* nos estudos da LSF precisa ser aprofundado: se antes o mesmo aplicava-se apenas aos usos da linguagem⁵, agora o mesmo precisa ser pensado na sua relação com o sistema linguístico (com seu potencial e sub-potenciais semânticos). Com sua ênfase na visão da linguagem na cultura e na história, a ACD provoca a LSF a redefinir a noção de sistema linguístico, aprofundando a reflexão sobre a natureza contingente das suas redes semânticas, ou “redes de opções de significados potenciais”. Do ponto de vista dos sub-sistemas semânticos, a ACD provoca a LSF a redefinir as noções de gênero e estilo, por exemplo, como configurações contingentes de práticas e papéis sociais característicos de

⁵ Através do princípio da *atualização*, que relaciona o sistema linguístico aos seus contextos de uso, sendo o plano do uso pensado como o local do contingente, do circunstancial, lugar onde se realizam as potencialidades do sistema semântico.

determinadas ocasiões sociais. Aqui tem relevo a noção de *intercontextualidade* (MEURER, 2004), que aponta para a natureza híbrida do “contexto” na modernidade tardia e possibilita a reflexão teórica a partir dos conceitos de práticas sociais, prescrição de papéis e regras e recursos. Estes conceitos levantam questões relativas às condições necessárias para o acesso a determinados gêneros (“recursos alocativos”⁶) e às estruturas que autorizam os acesso a determinados gêneros (“recursos autoritativos”⁷).

Como decorrência de suas articulações com os estudos na área da Multimodalidade, a LSF vê-se impelida a ir além da descrição dos recursos semióticos de textos monomodais / verbais, na direção da análise da forma como os recursos verbais articulam-se a outros recursos semióticos em textos multimodais, ampliando-se assim a visão de uma semiótica social, ou dos processos mais amplos de produção de sentidos.

Com este artigo, pretendeu-se oferecer uma contribuição aos estudos de linguística sistêmico-funcional no Brasil, a partir do levantamento de alguns de seus conceitos teóricos centrais, apreendidos a partir da forma como são articulados em diferentes áreas dos estudos da linguagem no contexto acadêmico nacional. Pretendeu-se ainda apontar as tendências recentes da LSF no contexto acadêmico nacional e as questões em aberto neste quadro teórico.

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, L. Contradição e sobredeterminação. In: ALTHUSSER, L. *A favor de Marx*. RJ: Zahar, 1979 [ed. original francesa 1965; 1a. ed. brasileira, 1967, sob o título de *Análise crítica da teoria marxista*]
- BALOCCO, A.E. O subsistema do engajamento aplicado a espaços opinativos na mídia escrita. In: VIAN, O. (org.) no prelo.
- Narrativity and the construction of political subjects. *Revista da ANPOLL* v. 22, p. 31-49, 2007.
- A construção da identidade no discurso acadêmico: o papel da avaliação no discurso de estudantes de literatura estrangeira. *Gragoatá*, v. 11, RJ: EdUFF, p. 177-192, 2002.
- BALOCCO, A.E.; CARVALHO, G; SHEPHERD, T.M.G. What teachers say when they write or talk about Discourse Analysis. In: BARTELS, N. (ed.) *Applied linguistics and language teacher education*. New York, Springer, 2005. p. 119-134.
- BARBARA, L. 17o. InPLA, Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, PUC/SP, SP, 29/abril a 02/maio 2009.
- BARROS, N.C. 17o. InPLA, Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, PUC/SP, SP, 29/abril a 02/maio 2009.
- CALDEIRA, J. R. *A redação do vestibular como gênero: configuração textual e processo social*. 2006. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras). RJ: PUC.
- CARVALHO, F. F. *Os significados composicionais e a formação de subjetividades na primeira página de jornais mineiros: um estudo de caso à luz da gramática do design visual*. 2007. 123f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- CARVALHO, G. *Resenhas/Reviews: da ação entre amigos ao apontador de defeitos* (Um estudo contrastivo de resenhas acadêmicas escritas em inglês e em português). 2002. 210 f. Tese de Doutorado, Niterói: UFF.
- CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity : rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- FIGUEIREDO, D.C. “Como você se relaciona com a comida?” A construção da identidade feminina no discurso midiático sobre o emagrecimento. *Revista Matraga*, v. 22, RJ: Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ, 2008, p. 171-188.
- GONÇALVES, G.R. et alii (orgs.) *New challenges in language and literature*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 2009. p. 67-69.
- GOUVEIA, C. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. *Revista Matraga*, v. 16, n. 24, RJ: Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ, 2009. p. 13-47.
- HEBERLE, V. 17o. InPLA- Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, *Boletim de Resumos online*, PUC/SP, SP, 29/abril a 02/maio 2009.

⁶ Por exemplo, quais as condições necessárias para escrever uma carta do leitor publicada em jornais? Domínio da língua portuguesa, recursos sócio-cognitivos, acesso à leitura de jornais, acesso à internet, etc?

⁷ Por exemplo, a quem o jornal dá voz? Apenas a especialistas, a professores, a juristas, ou também ao leitor comum? Quais os espaços abertos para a expressão de opiniões do leitor?

- HEBERLE, V.M. & MEURER, J.L. Aspects of visual analysis for the EFL class. In: *Anais do I Congresso Intenacional da ABRAPUI*, Belo Horizonte: ABRAPUI/UFMG/FAPEMIG, 2007. p. 01-11.
- HEBERLE, V.M. & MEURER, J.L. Formação de professores de línguas estrangeiras: considerações a partir da linguística aplicada, linguística sistêmico-funcional e análise crítica do discurso. In: OLIVEIRA, S.E. & SANTOS, J.F. (org.) *Mosaico de linguagens*, Campinas; Pontes, 2006. p. 91-98.
- KRESS, G. & VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2006.
- MACÊDO, C.M. M. 17o. InPLA - Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, *Boletim de Resumos online*, PUC/SP, SP, 29/abril a 02/maio 2009.
- MEURER, J. L. Ampliando a noção de contexto na linguística sistêmico-funcional e na análise crítica do discurso. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, n. esp., 2004. p. 133-158.
- MOTTA-ROTH, D. 17o. InPLA, Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, *Boletim de Resumos online*, PUC/SP, SP, 29/abril a 02/maio 2009.
- OLIVEIRA, L.P. Linguística de corpus: teoria, interfaces e aplicações. *Revista Matruga*, v. 16, n. 24, RJ: Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ, 2009. p. 48-76.
- OLIVEIRA, L. P. Grammatical metaphor in research articles: linguistic and disciplinary contrasts. Trabalho apresentado na *American Association for Applied Linguistics and the Canadian Association for Applied Linguistics Conference (AAAL/CAAL)*, Montreal, Canada, 2006.
- PAIVA, E.B. *Entre dois mundos: uma análise visual da construção identitária dos índios por e sobre eles mesmos*. Tese de Doutorado (em Linguística). Em andamento. Pb:UFPb.
- REZENDE, M.L. *Mudanças na subjetividade feminina: o papel do discurso publicitário na construção da identidade da mulher de meia idade*. 2008. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). RJ: UERJ.
- REZENDE, P.A. *A multimodalidade em livros de biologia*. 2004. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras). RJ: PUC.
- SANTIAGO, M.E.V. & MEURER, J.L. EFL teachers' discourse at Orkut: agency from the perspective of systemic functional linguistics and structuration theory. *Intercâmbio (CD-ROM)*, v. XVII, p. 322-343, 2008.
- SHEPHERD, T. O estatuto da Linguística de corpus: metodologia ou área da linguística? *Revista Matruga*, v. 16, n. 24, RJ: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ, 2009. p. 150-172.